Comunidades apocalípticas da Chapada do Apodi: Profecia e resistência contra o dragão do agronegócio

Joaquim Jocélio de Sousa Costa[1]

Resumo: O texto apresenta as comunidades situadas na Chapada do Apodi, entre os municípios de Limoeiro do Norte, Quixeré e Tabuleiro do Norte, como autênticas comunidades apocalípticas. Pois, a partir de sua fé, elas são sinal de profecia e resistência contra o grande dragão do agronegócio. Com isso, o texto mostra a atualidade da resistência apocalíptica e como sua correta compreensão ajuda não só a superar mal entendidos quanto ao sentido da ideia de apocalipse, como a potencializar lutas e resistências locais como expressão de uma autêntica ação pastoral. O trabalho inicia tratando o contexto de perseguição e injustiça, quando surge a literatura apocalíptica, apresentando também algumas de suas principais características. Depois aborda o contexto do Apocalipse de João e sua mensagem. Por fim, traz a realidade das comunidades da Chapada do Apodi, seus desafios, sua resistência e como elas se constituem como verdadeiras comunidades apocalípticas. Chega-se, assim, a compreensão da força profética das comunidades que resistem a tantos projetos de morte; ao mesmo tempo, percebe-se como deve ser nossa ação pastoral, profundamente comprometida com a transformação da sociedade, expressão da Igreja em saída para as periferias.

Palavras-chave: Apocalipse. Comunidades. Resistência. Chapada do Apodi. Agronegócio.

INTRODUÇÃO

A ideia de apocalipse, geralmente, está ligada ao fim do mundo, catástrofes cósmicas, monstros estranhos e profecias enigmáticas. Por isso, falar em comunidades apocalípticas pode soar estranho. A palavra vem do grego *apocalyptein* e significa tirar o véu, des-cobrir, revelar. Deus que tira o véu da realidade para que se possa ver o que verdadeiramente acontece e a sua ação para libertar seu povo sofrido. Dispomos de muitos gêneros literários na bíblia: hinos, cartas, leis, novelas, genealogias, evangelhos etc. Apocalipse é mais um tipo de literatura, recheada de imagens, símbolos, criaturas fantásticas. Longe de querer causar medo, busca fortalecer a esperança e a resistência do povo perseguido e oprimido. "O Apocalipse, portanto, não fala do fim do mundo, e sim do modo como Deus quer que seja nossa sociedade hoje. Isso dá muita esperança e garra aos grupos comprometidos com as lutas populares" (BORTOLINE, 1994, p. 10). Por isso, falamos em comunidades apocalípticas. Trata-se de comunidades que, assim como no tempo dos textos bíblicos, são perseguidas e oprimidas por superiores a elas, mas resistem a partir de sua fé, confiantes que Deus terá a última palavra.

1 Graduado em Filosofia e Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). Presbítero da Diocese de Limoeiro do Norte-Ce. Email: joaquimjocelio@gmail.com

Para compreendermos isso, vamos apresentar, em um primeiro momento, o contexto e desenvolvimento da literatura apocalíptica, bem como algumas de suas características. Em um segundo momento, falaremos do Apocalipse de São João, sua origem, contexto e sua mensagem. Por fim, apresentaremos a realidade de luta e resistência das comunidades da Chapada do Apodi e como elas podem ser vistas, a partir do que foi apresentado, como autênticas comunidades apocalípticas hoje.

1 LITERATURA APOCALÍPTICA: ESPERANÇA E RESISTÊNCIA

Esse tipo de escrita só apareceu tardiamente em Israel. Muito de suas características já estão presentes em textos mais antigos, porém, sua consolidação se dá no período de dominação grega sobre a Palestina por volta dos séculos III e II a.C. Há uma relação entre profecia e apocalíptica, seja de significativas semelhanças ou de relevantes diferenças. Na verdade, a apocalíptica surge com o fim da profecia e a ideia dos céus fechados (Deus fechou os céus e não enviara mais seu espírito para inspirar os profetas), isso no período pós-exílico.

A profecia possuía uma profunda preocupação pela justiça e pelo direito, por uma sociedade construída a partir da vontade de Deus. Estava muito ligada ao embate com líderes políticos e religiosos mais locais, e trazia uma reflexão mais imediata para os tempos presentes. Depois do Exílio, aos poucos, a profecia foi chegando ao fim. Israel não tinha um grande líder local para os profetas enfrentarem, o que dispunham era o imperador distante; não precisavam mais recordar a lei ao povo, pois ela já estava consolidada e definitivamente escrita; muitos profetas estavam até mesmo desacreditados; surgia a compreensão de que os céus estavam fechados que só se abririam na era messiânica (Cf. Mc 1,10; Mt 3,16; Lc 3,21; Ap 4,1; 19,11).

"Nesta nova situação, era impossível imaginar alguém das aldeias da Palestina ser profeta ou profetisa no estilo antigo. O camponês da Palestina não tinha nenhuma possibilidade de cobrar do imperador helenista a observância da Lei de Deus" (MESTERS; OROFINO, 2013, p. 37). Além disso, quando a Palestina começa a ser governada pela elite sacerdotal de Jerusalém por delegação do império persa, "sobretudo a partir de Neemias e Esdras, a teologia da retribuição, centrada no Templo, vai colocando Deus cada vez mais distante da vida, acentuando assim a função intermediária dos sacerdotes e dos escribas" (MESTERS; OROFINO, 2013, p. 47). Tornando obsoleta a figura do profeta.

Contudo, uma coisa não muda nessa história: a opressão e a injustiça sofridas pelo povo. Se não são os profetas a levantar a voz na defesa do povo e fortalecê-los com a Palavra de Deus, algo ou alguém iria fazer isso. Então, surge a literatura apocalítica. "Substituta da profecia veterotestamentária, essa literatura de resistência se desenvolve primeiro no judaísmo. Por esse meio, os visionários passam uma mensagem de esperança e de interpelação" (CUVILLIER, 2015, p. 497-498).

Para falar das características da apocalítica, é didático compará-la com a profecia, principalmente porque uma surge no período do desaparecimento da outra; pelo menos com as

características literárias bíblicas. Por exemplo, a profecia é oral, mesmo que depois tenha sido colocada por escrito; já a apocalíptica é escrita, é marcada como literatura desde sua origem. Na verdade, "no Apocalipse, Deus é escriba, pois tem um livro (Ap 5,1) e também o vidente é escriba, pois deve escrever (Ap 1,10-11), guardar e transmitir (Ap 22,10) o que a ele foi revelado sobre as coisas que vão acontecer (Ap 1,1; 4,1; 22,6)" (ANDRADE, 2012, p. 39-40). Claro que subjaz a essa literatura um movimento, uma comunidade que resiste, algo anterior ao texto; mas diferente da profecia, o que marca a palavra apocalítica é que ela é palavra escrita.

Outro ponto distinto é o tema do Dia de Javé que era visto na profecia como dia de juízo contra os reis de Israel e de Judá. Já na Apocalíptica, "continuava sendo o dia da justiça divina, mas já não contra os reis infiéis de Israel, mas, sim, contra o Império e as nações estrangeiras que oprimiam e exploravam o povo de Deus (Is 24,21-23; 26,20-27,1)" (MESTERS; OROFINO, 2013, p. 43). A compreensão de como Deus falava ao seu intermediário também era diferente. Antes se acreditava que Deus abria uma brecha no céu e enviava seu espírito ao profeta para ele profetizar. Na apocalíptica, o vidente é arrebatado ao céu ou tem uma visão. "Ao dizer que os céus estavam 'fechados' significava viver em tempos de perplexidade e desorientação... Para manter a fé e a esperança, os escritores apocalípticos usaram o recurso literário do arrebatamento do vidente à Corte Celeste" (ANDRADE, 2012, p. 33-34). Se o Espírito de Deus não vinha mais a terra porque os céus se fecharam, o vidente era arrebatado até os céus para saber o que Deus quer revelar. Outra marca forte da apocalíptica são visões cheias de símbolos. Inclusive, "esta é a parte que hoje causa o maior número de dificuldades com relação ao Apocalipse de João. Pois as imagens por ele usadas, mesmo sendo comuns e populares naquele tempo, são estranhas e, às vezes, inaceitáveis para hoje" (MESTERS; OROFINO, 2013, p. 70).

Existiram dezenas de obras apocalípticas, mas apenas duas estão presentes na bíblia: O livro de Daniel e o livro do Apocalipse. Contudo, existem trechos apocalípticos em vários livros do Antigo Testamento (AT) e do Novo Testamento (NT). "Os principais meios de revelação são visões e jornadas sobrenaturais, suplementadas por discurso ou diálogo e, ocasionalmente, por um livro celestial. A presença de um anjo que interpreta a visão ou serve de guia na jornada sobrenatural é o elemento constante" (COLLINS, 2010, p. 23).

A apocalítica trata de acontecimentos futuros com realizações próximas; fala da crise presente apelando para um tempo passado, apresentando algo futuro. É também pseudônima, ou seja, "o escritor toma o nome de uma figura famosa do passado; por exemplo, Daniel, um sábio legendário, Henoc, que foi arrebatado ao céu, ou Esdras, o grande legislador" (BROWN, 2012, p. 1009). Ela costuma dividir a história em etapas e "se a história está dividida em períodos divinamente determinados (numerados de várias formas), o autor vive no último deles" (BROWN, 2012, p. 1008). Na verdade, "o apocalíptico explica quantas são as etapas da caminhada do Plano de Deus e informa em que etapa a comunidade se encontra no momento da perseguição" (MESTERS; OROFINO, 2013, p. 77). Nesse sentido, existe uma perspectiva determinista da história (plano de Deus): "todos os acontecimentos se desenvolvem de acordo com um plano decretado por Deus, e culminará na salvação dos justos e no

castigo dos ímpios" (ANDRADE, 2012, p. 238). Mas é preciso cuidado para não entender isso como um futuro rigidamente determinado onde as comunidades perseguidas nada podem ou devem fazer, mas simplesmente esperar Deus agir. Não se trata disso. "Não havia o risco de elas usarem o Apocalipse como pretexto para não terem que entrar na luta, pois já estavam na luta, há muitos anos. O problema delas era outro: como fazer para não desanimar na luta, pois estavam meio perdidas e desanimadas na frente de batalha (Ap 6,10)" (MESTERS; OROFINO, 2013, p. 72).

Por isso, é possível dizer que a literatura apocalítica é uma teologia da história: "Para a apocalíptica, a história humana é história da salvação, que começa com as promessas divinas e se encaminha para um ponto final, no qual essas promessas serão realizadas" (ANDRADE, 2012, p. 25). Essa teologia também pode ser entendida como uma teologia do poder, pois oferece uma crítica profunda aos poderes terrenos, exaltando o poder de Deus que está ao lado de seu povo. É por meio dessa força divina que eles poderão triunfar, portanto:

> Pode até ser que os escritos apocalípticos tenham sido redigidos por pessoas mais ricas e mais estudadas. A sua origem, porém, está nos porões da humanidade, onde vivia o povo pobre, marginalizado e excluído. No movimento apocalíptico manifestam-se a experiência de vida e a fé dos pobres sem poder. É a teimosia da fé dos pequenos que não entregam os pontos e não querem deixar morrer a esperança! (MESTERS; OROFINO, 2013, p. 38).

2 APOCALIPSE DE JOÃO: O CORDEIRO IMOLADO VENCE O DRAGÃO

O Apocalipse de João é a única obra propriamente apocalíptica do Novo Testamento. Quando se fala de livro do Apocalipse, o povo já fica com medo, pensando no fim dos tempos, em monstros que surgirão etc. Na verdade, "o autor do Apocalipse não sabia como ou quando o mundo irá acabar, como nenhum outro o sabe" (BROWN, 2012, p. 1048). Como vimos, o objetivo dessa literatura não é esse. "O Apocalipse é uma Boa Nova porque comunica conforto e esperança a um povo em crise, ameaçado em sua fé. A crise tinha duas causas: ligadas entre si. A externa: a perseguição e as mudanças na sociedade. A interna: a falta de visão e de fé, as divisões e o cansaço" (MESTERS; OROFINO, 2013, p. 69).

Assim como outras obras apocalíticas, o Apocalipse de João nasceu em um contexto de crise. "O Livro do Apocalipse surgiu com o objetivo de garantir que a vitória sobre o mal já aconteceu por meio de Jesus e que Deus porá fim a tudo que estava acontecendo com os cristãos" (ANDRADE, 2012, p. 99). A obra foi escrita em períodos diferentes. Pelo menos dois parecem claros. Durante o império de Nero, quando houve a guerra judaica com a destruição do templo entre 64 a 70 d.C. (Ap 4-11) e durante o império de Domiciano entre 81 e 96 d.C. (Ap 12-20). Tendo uma conclusão no final do primeiro século (Ap 1-3; 21-22).

> Nenhum texto extrabíblico narra uma perseguição em massa aos cristãos por ordem oficial do império no período de escrita do livro.

> Por isso, alguns estudiosos afirmam que o apocalipse não trata de perseguição. Cuvillier (2015, p. 506) defende que "talvez não seja a sociedade romana que esteja, em primeiro lugar, em conflito com a Igreja nascente, mas seja João que está em conflito com Roma e convida seus ouvintes a se verem do mesmo modo". Mas a questão não é bem assim. A abundante menção a perseguições e mortes de que fala o texto não pode ser ignorada (1,9; 2,3.10.13; 6,9-11; 7,13-14; 11,7-8; 12,11.13.17; 13,7.15; 16,6; 17,6; 18,24; 20,4). Existem muitas formas de perseguição, não precisam ser oficiais. "Num clima de tensões generalizadas, o menor gesto de recusa ao cumprimento de uma ordem imperial poderia desencadear uma hostilidade, fazendo com que os patrícios denunciassem às autoridades o pacato cristão" (ANDRADE, 2012, p. 97). Portanto, O que importa nesta questão talvez seja definir melhor o que se entende por perseguição. De fato, é possível e provável que não tenha havido uma perseguição explícita contra os cristãos, em nível global do Império, decretada por Domiciano. Na América Latina, de 1960 para cá, também não houve perseguição explícita decretada contra os cristãos por parte dos governos dos vários países. Mas nestes mesmos 40 anos, de 1960 até 2000, houve não dezenas, mas, sim, centenas e centenas de mártires na América Latina, a qual, aparentemente, continua sendo um continente pacato, onde a Igreja vive em paz, sem perseguição da parte dos governos (MESTERS; OROFINO, 2013, p. 64).

Assim, é possível entender que o contexto do livro do Apocalipse era sim de perseguições, mesmo que não fossem generalizadas nem oficiais como iriam acontecer, por exemplo, no tempo de Diocleciano (284-305 d.C.). Quanto ao autor da obra, pode ser o animador das Igrejas da Ásia Menor, João (1,1.4.9; 22,8) que se apresenta preso na Ilha de Patmos. "Foi Justino (Diálogo 81,4) o primeiro a identificar João com o filho de Zebedeu. Em seguida, Ireneu liga o Apocalipse, assim como o evangelho e as cartas joaninas, a João, discípulo de Jesus" (CUVILLIER, 2015, p. 501). Mas dificilmente João de Patmos seja o apóstolo. Ele nunca se apresenta assim e o grupo dos doze parece realidade do passado (Cf. Ap 18,20; 21,14). O Apocalipse é o único livro do NT que apresenta seu autor com o nome de João.

O texto parece uma grande liturgia (22,21), é a celebração da vitória de Cristo sobre o mal, antecipação do Reino. Por isso, mostra a profunda relação entre a liturgia e a vida, a celebração e a luta, a oração e a resistência. "Os cristãos do século II acreditavam não apenas que a liturgia terrena supunha a simultaneidade de uma adoração celeste, de modo que uma pertencia à outra, mas também que deveriam seguir o mesmo modelo" (BROWN, 2012, p. 1036). Logo, no que toca a essa dimensão litúrgico-celebrativa no Apocalipse, "trata-se de se manter em um lugar simbólico, que não é geográfico, mas espiritual: estar no mundo, participando do que não é do mundo, isto é, da liturgia celeste de adoração do Cordeiro, cuja importância política não deve ser ocultada" (CUVILLIER, 2015, p. 509). A liturgia, a festa,

possuem uma força política e de resistência surpreendentes. Os pobres rezam, louvam, canta suas lutas, expressam na liturgia toda a sua caminhada e dela tiram a força para continuar. Esta é a razão pela qual o Apocalipse é um livro de celebração: Jesus venceu e, com ele, nós também já vencemos. E continuaremos com ele vencendo a sociedade injusta, até chegarmos a construir um mundo do jeito que Deus quer... É por isso que ao longo do Apocalipse encontraremos muitos hinos que ajudam a celebrar essa vitória. São doxologia, ou seja, trechos de cânticos de vitória que as comunidades primitivas cantavam em suas celebrações (Cf., por exemplo, 4,8b; 4,11; 5,9b-10; 5,12b; 5,13b etc.) (BORTOLINI, 1994, p. 10 e 11).

O Apocalipse de João se encaixa perfeitamente no gênero apocalíptico, mas com características próprias. O autor não se identifica com nenhum personagem ilustre do AT como acontece em outras obras apocalípticas. Apesar de aparecerem figuras de anjos, o grande revelador é o próprio Jesus. O autor também faz menções abundantes do. "É como se tivesse acontecendo de novo, agora! Elas despertam a memória, desobstruem o caminho da fonte que existe dentro do povo e, aos poucos, a energia do passado vai acordando, o véu vai caindo, o povo se reencontra e a caminhada se ilumina" (MESTERS; OROFINO, 2013, p. 72).

A eclesiologia do Apocalipse de João mostra a Igreja como um povo de sacerdotes (1,6; 5,10; 20,6) que deve ser contestação ao mundo e romper com o que nega o Evangelho, nada de meio termo (3,14-16). Sua cristologia apresenta que Jesus ressuscitado está presente na comunidade e sua presença já é certeza, pela fé, de que as potências do mundo foram vencidas (5,11-14; 12,10-12; 17,11-14). "Mais do que revelar o futuro ou o fim dos tempos como realidade objetiva, o que o Apocalipse de João procura é proclamar o advento desse fim dos tempos no acontecimento Jesus Cristo, com a crítica do mundo presente que isso implica" (CUVILLIER, 2015, p. 507). Sua visão dos últimos tempos (escatologia) está profundamente ligada a transformações iniciadas no presente, pois o novo mundo já vai acontecendo dentro dos acontecimentos deste. O Dia de Javé será o julgamento definitivo dessas potências que oprimem o povo (6,16-17; 16,13-14; 1,4.8; 4,8//16,5; 6,9-10//16,7); principalmente a queda de Roma (17-18). "No Apocalipse, João toma posição e dá a sua opinião. Para ele, o culpado não são alguns maus funcionários do Império, mas o Império em si: a sua organização econômica e a sua pretensão de ser o senhor do mundo (Ap 13,1-18; 18,2-20)" (MESTERS; OROFINO, 2013, p. 75). Ele anuncia que o mundo antigo passará e um mundo novo é inaugurado a partir do acontecimento pascal (21,1-8; Is 66,17-25); Deus reinará definitivamente (19,6). O Dragão perseguiu os fiéis, "eles, porém, o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho" (12,11). Assim, a obra

> atesta vigorosamente que em todos os momentos da história, até mesmo nos mais exasperados, que levam as pessoas a perder a esperança, Deus está presente. O Cordeiro, de pé como que imolado, é a garantia definitiva do cuidado vitorioso e da libertação de Deus, especialmente para os espezinhados e oprimidos (BROWN, 2012, p. 1049).

3 COMUNIDADES APOCALÍPTICAS DA CHAPADA DO APODI

A Bíblia não é apenas um livro que guarda tradições de períodos históricos. Ela fala sobre a história da salvação que continua em nossos dias. Por isso, aquilo que foi refletido sobre a literatura apocalíptica tem algo a nos dizer hoje. Ajuda a ler as diversas situações de resistência contra a injustiça a partir da fé como realidades autenticamente apocalípticas. Dentre tantas realidades a serem refletidas, trazemos a das comunidades da Chapada do Apodi em nossa Diocese de Limoeiro do Norte-CE. A Chapada engloba municípios e comunidades também do estado do Rio Grande do Norte, mas aqui, tratamos especificamente sobre algumas comunidades localizadas nos municípios de Limoeiro do Norte, Quixeré e Tabuleiro do Norte no Ceará. Essas comunidades tem uma longa história de opressão e conflitos pelo direito sagrado à terra, água, justiça ambiental, moradia, saúde para todos, ao trabalho digno e muitos direitos mais. Nessa luta e resistência, a fé sempre foi força fundamental. Pastorais, movimentos sempre estiveram unidos a diversos grupos na defesa da vida do povo da Chapada.

Nas últimas décadas, a vida das comunidades foi profundamente afetada pela instalação e desenvolvimento do agronegócio. Para usar uma linguagem mais apocalíptica, um dragão de sete cabeças que devora a vida do povo (Cf. Ap 12,3-6). Mas ele não está só. Para falar da relação entre o império romano que perseguia as comunidades e o poder que ele recebeu das forças do mal, o Apocalipse diz que o dragão transmitiu seus poderes para a Besta (Cf. Ap 13,2). É uma significativa metáfora que podemos utilizar para falar da troca de poderes e favores entre o agronegócio e o Estado. Essa aliança entre os poderes políticos e o capital se dá em todos os níveis (desde o local até o internacional). Portanto, como em outros lugares, no Ceará, o agronegócio mobilizou o Estado com inúmeras obras para o seu benefício mais direto, desde criação de secretarias, açudes, canais e até estradas para facilitar o escoamento da produção (Cf. CAVALCANTE, 2020, p. 103-104). Em 1989, surgiu na região da Chapada, o Perímetro Irrigado Jaguaribe-Apodi, o que resultou na desapropriação de muitas famílias, mas com a promessa de ser destinado à agricultura e à produção. Foram as empresas as mais beneficiadas, chegando inclusive a invadir terras do perímetro e não sendo punidas por isso. O Estado usou o discurso do desenvolvimento e do emprego para justificar tanto apoio para as empresas. No entanto, se tratava do enriquecimento de uns poucos à custa das vidas da população local.

> "Assim, o Estado passa a atuar no sentido de facilitar e/ou promover a territorialização do capital, sendo até mesmo difícil de mensurar até onde vão os interesses do Estado e os das firmas nessa imbricação Estado-capital" (CAVALCANTE, 2020, p. 105). De fato, o Ceará saiu na frente no que é chamado "guerra de lugares" para garantir que as empresas de fruticultura se instalassem no estado e não em outro. Havia todo um ritual e protocolo para isso, desde visitas de helicópteros a jantares nos principais pontos turísticos e, principalmente, isenção fiscal (Cf. CAVALCANTE, 2020, p. 106-107). Na verdade, o

> Ceará tem na política de incentivos fiscais seu principal mecanismo de atração de investimentos, baseando-se especialmente na isenção do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) concedido às empresas exportadoras, regulamentado pela chamada Lei Kandir, de 1996 (CAVALCANTE, 2020, p. 107).

Com tudo isso, a região do Baixo Jaguaribe se tornou uma grande exportadora de frutas no Estado do Ceará, chegando à marca de 120 mil toneladas no ano de 2018. Analisando o caso específico do melão, percebe-se a relevância da região, pois em 1997 ela era responsável por 2% da exportação dessa fruta no país; em 2009, 60% do melão exportado do Brasil vinha do Baixo Jaguaribe (Cf. CAVALCANTE, 2020, p. 133). Mas isso a que custo?

Essas empresas instaladas nos municípios de Quixeré e Limoeiro, em nome do seu lucro e do progresso para poucos, geraram atividades produtivas que "se inscrevem em um ritmo de produção que desrespeita a resiliência e a capacidade de suporte dos ambientes em que se inserem. Consequentemente, operam em uma lógica violadora de direitos políticos, sociais, culturais, ambientais e territoriais" (MAIA *et al.*, 2018, p. 439). Ferem as vidas humanas e toda a criação. Recentemente, em Tabuleiro do Norte, os apicultores perderam muitas de suas abelhas e tiveram um grande prejuízo financeiro. O motivo mais uma vez está ligado ao agronegócio. Análises laboratoriais nas abelhas mortas constataram que

> Existe uma correspondência entre a tipologia de venenos utilizados pela empresa Nova Agro e aqueles encontrados nas abelhas. Trata-se da fungicida sistêmica piraclostrobina e do inseticida fisiológico lufenurom; foram encontrados venenos nas abelhas que não estão listados no Plano de Regulamentação Ambiental da empresa Nova Agro (carbofurano, fipronil, indoxacarbe); em 100% das amostras, foram encontrados os agrotóxicos carbofurano e fipronil (JÚNIOR; LOPES, 2023, p. 43)

Mas não são só as abelhas que sofrem com o veneno das empresas. A contaminação das famílias, animais e das reservas de água é gravíssima. Em 2009, o Laboratório de Núcleo Interdisciplinar de Estudos Ambientais Avançados da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) junto com o grupo Tramas (Trabalho, Meio Ambiente e Saúde) realizaram análises de 24 amostra de canais de abastecimento, poços, caixas de água e detectaram princípios ativos de agrotóxicos em todos os lugares das amostras (Cf. MAIA *et al.*, 2018, p. 458).

Isso levanta outro sério problema na Chapada que é o acesso à água para consumo humano em quantidade e qualidade. As empresas chegam a perfurar poços de até mil metros, acessam os aquíferos Jandaíra-Açu e usam água dos canais; enquanto algumas comunidades veem seus pequenos poços secarem, ficando sem o justo acesso à água. A opressão segue no próprio trabalho nas empresas: grande carga horária, muitas horas extras, ameaças, metas produtivas inalcançáveis, péssimas condições de trabalho, exposição ao veneno etc.

Mas como disse o papa Francisco aos movimentos populares: "Os pobres não só suportam a injustiça, mas também lutam contra ela!" (FRANCISCO, 2015, p. 5).

Na Chapada do Apodi, a luta é integral, tanto pela vida das comunidades como pelo ambiente como um todo. Pois, como recorda o papa Francisco, "uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres" (LS 49). E toda essa preocupação é para nós cristãos uma questão de fé, um problema religioso, espiritual. Afinal, "na tradição judaico-cristã, dizer 'criação' é mais do que dizer natureza, porque tem a ver com um projeto do amor de Deus, onde cada criatura tem um valor e um significado" (LS 76). Poluir o solo, às águas, as plantas, os animais e, principalmente, o ser humano, é alterar a obra de Deus e isso toca a nossa fé. Por isso, afirma o papa: "Por favor, continuai a lutar pela dignidade da família rural, pela água, pela vida e para que todos possam [se] beneficiar dos frutos da terra" (FRANCISCO, 2015, p. 8.9).

E é exatamente isso que nossas comunidades da Chapada do Apodi fazem, elas resistem, "pois os povos e as comunidades diretamente atingidos pelos conflitos ambientais estudados constroem alternativas nas quais águas, terra, sementes, trabalho, conhecimento, arte, espiritualidade e ação política estão interligados em sabedoria, ainda que não sejam visibilizados" (MAIA *et al.*, 2018, p. 469). De fato, são muitas as formas de resistência contra o dragão do agronegócio nestes anos. Exemplo emblemático foi do agricultor Zé Maria do Tomé que mobilizou comunidades, igrejas, movimentos sociais e poder público na sua luta contra o veneno e domínio das empresas. E como tantos que na história lutaram pela justiça, ele lavou e alvejou suas vestes no sangue do Cordeiro (Cf. Ap 7,14). Em 21 de abril de 2010, Zé Maria foi assassinado, mas sua voz continua ressoando. Movimentos sociais, pastorais, universidade e grupos diversos formaram o Movimento 21 (M21) que deu mais visibilidade ainda às lutas do povo da Chapada. Surgiu também a Semana Zé Maria do Tomé precedendo o dia 21 de abril com debates entre universidades e diversos membros da sociedade sobre os problemas da região. A semana conclui com a Romaria da Chapada no dia 21. Comunidades de fé e diversos movimentos saem em caminhada do local do assassinato de Zé Maria até a capela da Comunidade Tomé, concluindo com a celebração da missa. Na Romaria, se levantam os grandes gritos da Chapada.

A luta das comunidades e do próprio Zé Maria trouxe muitos outros frutos, dos quais, podemos citar o Acampamento Zé Maria do Tomé em Limoeiro do Norte que surgiu no território do Perímetro Irrigado Jaguaribe-Apodi; a Lei Zé Maria do Tomé (Lei 16.820/2019) contra pulverização aérea no Estado do Ceará; o Centro de Referência em Saúde do Trabalhador Rural e Ambiental Zé Maria do Tomé (Ceresta) que presta assistência aos trabalhadores adoecidos, principalmente, devido contato direto com os agrotóxicos.

Com a luta e resistência dessas comunidades, cresceu a consciência de que essa "é uma luta contra o modelo de agricultura implantado pelo Estado. É uma luta contra o capital e sua ordem social vigente, mas, sobretudo, é uma luta pelo território e por alternativas de

produção no/do campo. É uma luta em defesa de outra relação da sociedade com a natureza" (SILVA; FREITAS, 2018, p. 514). A fé é o grande motor que ajuda as comunidades a terem certeza de que lado Deus está e que a confiança e o louvor não é para nenhum dos poderosos desse mundo. Pois somente "digno é o Cordeiro imolado de receber o poder, a riqueza, a sabedoria, a força, a honra, a glória e o louvor" (Ap 5,12).

CONCLUSÃO

Analisando o contexto, surgimento e características da literatura apocalíptica, especialmente o contexto e mensagem do Apocalipse de João, pudemos compreender como essa literatura nada tem a ver com fim do mundo, mas com o profundo compromisso na luta e resistência por este mundo, para que ele seja mais justo e fraterno como Deus quer. Nossas comunidades que, a partir de sua fé, resistem aos grandes empreendimentos, mesmo sem muito poder, são autênticas comunidades apocalípticas, como aquelas da Ásia Menor no tempo de João. Elas vivem uma pastoral verdadeiramente comprometida com o projeto de Deus, pois sabem que o Reino de Deus segue vencendo os reinos do mundo. Com a resistência das comunidades da Chapada do Apodi, vemos a experiência de uma pastoral em saída para as periferias. E inspirados nelas, sonhamos essa visão apocalíptica:

Eu vi um dragão que vomitava veneno. Ele era esverdeado, tinha sete cabeças. Com sua calda devastava as casas dos santos. Onde seus pés pisavam, a vida se esvaia. Seu bafo espalhado pelo vento era sentido à quilômetros de distância. Soltou de suas garras um corpo, era de um homem valente que padecera lutando. Na mão do homem nascia uma palma, seu corpo mergulhado na terra virou semente. Logo, vi brotar do solo pequenas estacas que se uniam, enxiam-se de barro e telhas formando casas. Ouvi o som de uma trombeta, um livro se abriu diante do dragão e uma voz dizia: "o dragão domina por um tempo, dois tempos e meio tempo; mas está chegando o cordeiro imolado, só a ele a honra e o poder! O incenso dos santos chegou a Deus e o cordeiro assumirá seu trono". Logo vi o Cordeiro chegar e uma imensa multidão que não se podia contar atrás dele. Traziam faixas, cartazes, estandartes dos mártires. Com o cordeiro em sua frente, a multidão gritava para o dragão: A CHAPADA É NOSSA, A CHAPADA É DO POVO!

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Aíla Luiza Pinheiro de. *Eis que faço novas todas as coisas*: Teologia Apocalíptica. São Paulo: Paulinas, 2012.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BORTOLINI, José. *O Apocalipse*: Resistir e denunciar. São Paulo: Paulus, 1994.

BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. Trad. Paulo F. Valério. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2012. (Coleção Bíblia e História).

CAVALCANTE, Leandro Vieira. *As firmas tomaram conta de tudo*: Território, agronegócio e questão agrária. Curitiba: Editora CRV, 2020.

COLLINS, John J. *A Imaginação apocalíptica*: Uma introdução à literatura apocalíptica judaica. Trad. Carlos G. S. Magajewski. São Paulo: Paulus, 2010.

CUVILLIER, Élian. O Apocalipse de João. In: MARGUERAT, Daniel (org.). *Novo Testamento*: história, escritura e teologia. 3ª Ed. São Paulo: Loyola, 2015. p. 493-514.

FRANCISCO, PP. *Carta Encíclica Laudato Si'* (LS): sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, PP. *Discurso aos participantes do I Encontro Mundial de Movimentos Populares*, 28 de out. 2014. Brasília: Edições CNBB, 2015. (Coleção Sendas V. 1.)

JÚNIOR, Mário M. V.; LOPES, Alfredo R. S. *Como matar abelhas*: agronegócio e comunidades do Tabuleiro do Norte – Ceará: 2018-2021. Campinas: Pangeia Editorial, 2023.

MAIA, R. C. C. *et al*. Águas e neoextrativismo: injustiça hídrica e r-existência dos comuns. In: RIGOTTO, Raquel M.; AGUIAR, Ada C. P.; RIBEIRO, Lívia A. D. (Org.). *Tramas para a justiça ambiental*: Diálogo de saberes e práxis emancipatórias. Fortaleza: Edições UFC, 2018. p. 437-493.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *Apocalipse de João*: A teimosia da fé dos pequenos. 2ª Ed. São Paulo: Fonte Editorial; Aparecida: Editora Santuário, 2013.

SILVA, Maria de L. V. da; FREITAS, Bernadete M. C. A insurgência dos sujeitos sociais e políticos no contexto de conflitos territoriais e ambientais na Chapada do Apodi. In: RIGOTTO, Raquel M.; AGUIAR, Ada C. P.; RIBEIRO, Lívia A. D. (Org.). *Tramas para a justiça ambiental*: Diálogo de saberes e práxis emancipatórias. Fortaleza: Edições UFC, 2018. p. 495-535.